

# Elisa Lucinda – Da chegada do amor

Sempre quis um amor  
que falasse  
que soubesse o que sentisse.  
Sempre quis uma amor que elaborasse  
Que quando dormisse  
ressonasse confiança  
no sopro do sono  
e trouxesse beijo  
no clarão da amanhecice.

Sempre quis um amor  
que coubesse no que me disse.  
Sempre quis uma meninice  
entre menino e senhor  
uma cachorrice  
onde tanto pudesse a sem-vergonhice  
do macho  
quanto a sabedoria do sabedor.

Sempre quis um amor cujo  
BOM DIA!  
morasse na eternidade de encadear os tempos:  
passado presente futuro  
coisa da mesma embocadura  
sabor da mesma golada.  
Sempre quis um amor de goleadas  
cuja rede complexa  
do pano de fundo dos seres  
não assustasse.  
Sempre quis um amor  
que não se incomodasse  
quando a poesia da cama me levasse.  
Sempre quis uma amor

que não se chateasse  
diante das diferenças.

Agora, diante da encomenda  
metade de mim rasga afoita  
o embrulho  
e a outra metade é o  
futuro de saber o segredo  
que enrola o laço,  
é observar  
o desenho  
do invólucro e compará-lo  
com a calma da alma  
o seu conteúdo.

Contudo  
sempre quis um amor  
que me coubesse futuro  
e me alternasse em menina e adulto  
que ora eu fosse o fácil, o sério  
e ora um doce mistério  
que ora eu fosse medo-asneira  
e ora eu fosse brincadeira  
ultra-sonografia do furor,  
sempre quis um amor  
que sem tensa-corrída-de ocorresse.  
Sempre quis um amor  
que acontecesse  
sem esforço  
sem medo da inspiração  
por ele acabar.  
Sempre quis um amor  
de abafar,  
(não o caso)  
mas cuja demora de ocaso  
estivesse imensamente  
nas nossas mãos.  
Sem senãos.

Sempre quis um amor  
com definição de quero  
sem o lero-lero da falsa sedução.

Eu sempre disse não  
à constituição dos séculos  
que diz que o “garantido” amor  
é a sua negação.

Sempre quis um amor  
que gozasse  
e que pouco antes  
de chegar a esse céu  
se anunciasse.

Sempre quis um amor  
que vivesse a felicidade  
sem reclamar dela ou disso.

Sempre quis um amor não omisso  
e que sua histórias me contasse.

Ah, eu sempre quis um amor que amasse.

**Elisa Lucinda, Euteamo e suas estréias**